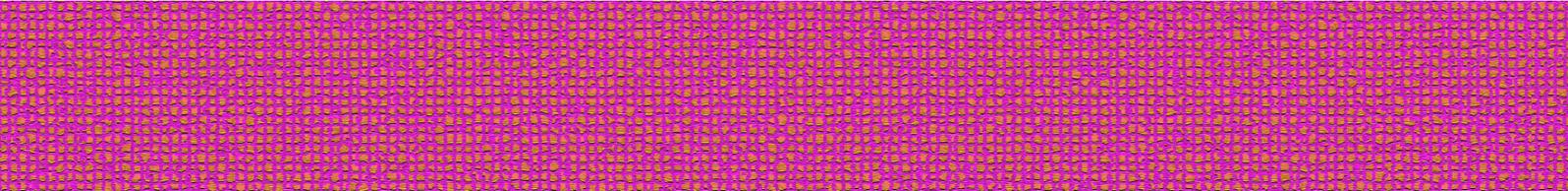


ARTIGOS



Análise crítica da tradução do conto: “Finette Cendron”, do francês do Século XVII ao português brasileiro, de madame D’Aulnoy traduzido por Fabrício Leal Cogo

Ana Carolina de Freitas¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Giulia Henriques Gomes Motta²

Universidade Federal de Santa Catarina

Gloria E. Riveros Fuentes Strapasson³

Universidade Federal de Santa Catarina

Instituto Federal Catarinense

Mwewa Lumbwe⁴

Université de Kamina

Resumo: A atividade tradutória, certamente, envolve suas complexidades e disjuntivas, principalmente quando envolve o texto literário. Diante de tamanha tarefa, fazer uma crítica de tradução requer uma aproximação e compreensão do projeto de tradução, com o intuito de evitar cair em julgamentos precipitados e sem fundamentos. Em um exercício de análise e avaliação da prática tradutória, este artigo propõe observar aspectos destacados da tradução de Fabrício Leal Cogo do conto de fadas do século XVII, “Finette Cendron”. De autoria de Madame D’Aulnoy, uma obra de importância inestimável para a literatura francesa e sua tradução se propõe a aproximar realidades literárias em tempos tão distintos e espaços tão distantes.

Palavras-chave: Crítica. Tradução. Contos de fadas.

Critical analysis of Madame D’Aulnoy’s “Finette Cendron” translation from 17th Century French to Brazilian Portuguese by Fabrício Leal Cogo

Abstract: Translating is certainly a complex activity as it is, but when it comes to literary texts, it’s even more complex due to the particularities involved in this sort of task. Criticizing a translation requires a good approach and the understanding of the translation project in order to avoid groundless misjudgments. Through an analysis and evaluation of the translation practice, this article proposes an observation of some aspects in the translation of *Finette Cendron* made by Fabrício Leal Cogo. *Finette Cendron* is a fairy tale written by Madame d’Aulnoy in the 17th century. This work is

¹ Doutoranda em Estudos da Tradução PGET/UFSC, anacarolzen9@gmail.com.

² Mestranda em Estudos da Tradução PGET/UFSC e bolsista CAPES, giuliahgmotta@gmail.com.

³ Doutoranda em Estudos da Tradução PGET/UFSC e docente do Instituto Federal Catarinense- IFC, campus Videira, gloriastrapasson@gmail.com; gloria.strapasson@ifc.edu.br.

⁴ Profa. Dra. Mwewa Lumbwe UNIKAM, República Democrática do Congo, mwewster@gmail.com.

inestimably important to French literature and Fabricio Leal Cogo's translation intends to bring two literary realities closer even though they belong to such different times and distant places.

Keywords: Critics. Translation. Fairytales.

**‘O lugar da tradução seria, assim, “ a discrepância entre o dito e o dito”’
(Haroldo de Campos, 2006)**

O lugar que ocupa o tradutor, enquanto mediador de culturas, representa um constante desafio diante os percalços da sua atividade. O que traduzir? Que deveria considerar o projeto de tradução? Traduzir conforme o autor ou o leitor? ou ambos? Qual decisão é a melhor? Respeitar a letra ou seus efeitos? São os inevitáveis questionamentos que inquietam este sujeito mediador e que, em muitas ocasiões, na verdadeira intenção de apresentar para a cultura de chegada uma obra de valor literário inestimável, vê-se entre a cruz e a espada, dado que a decisão tradutória em certas situações, e isto é um fato para a tradução enquanto processo, pode representar um risco ao sistema de sentidos da obra.

O conto “Finette Cendron”, da autoria de Marie-Catherine le Jumelle de Barneville, Baronesa d’Aulnoy, mais conhecida por Madame D’Aulnoy, forma parte de um conjunto de contos de desfrute da sociedade aristocrática da França do século XVII. No Brasil, a obra desta autora começa a ascender o interesse dos estudos literários e, em especial, dos estudos da tradução, muito embora, ainda seja do desconhecimento do grande público brasileiro. Como fruto desse interesse, atualmente, encontram-se em circulação pela editora Amazon, a tradução de 18 contos, organizados em oito volumes, sendo o volume de nº1, com dois contos, publicados pela francesa Edilivre, em 2019.

Os empreendimentos de tradução de Madame D’Aulnoy nascem, prioritariamente, das pesquisas desenvolvidas nas academias dedicadas aos estudos da tradução. Nesta breve análise, desejamos apresentar uma análise crítico da tradução “Finette Cendron” de autoria de Fabricio Leal Cogo, doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, e um dos tradutores que formaram parte do projeto acadêmico “Antologia de Contos de fada franceses de autoria feminina do século XVII”. A iniciativa foi liderada pela professora UFSC, Marie-Hélène Catherine Torres que ao lado de Aída Carla da Cunha e André Luís Leite de Menezes a organiza e a publica em 2019, pelo Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras, DLLE da UFSC. Um aspecto importante a ser mencionado é que o projeto contemplou a tradução unicamente do corpus do conto e não da “moralité” que se expressa sob texto poético, provavelmente, pelas suas particularidades estruturais de métrica, versificação e ritmo que problematizam ainda mais sua tradução.

Empreender uma tradução supõe, certamente, seus riscos, ou seja, acertos e desacertos. Analisar as decisões tradutórias, os encaminhamentos dados pelo tradutor e criar uma aproximação ao projeto de tradução se traduzem, valia a redundância, em espaços de muito aprendizado. Para além de apontar as decisões e avaliá-las como acertadas ou não, o texto traduzido oferece uma oportunidade de observação que vem para contribuir com a formação de novos tradutores literários, na arte, igualmente, criativa do fazer literário.

Em vista da importância de observarmos a tradução literária igualmente como processo de criação, nas próximas linhas, delinearemos uma sucinta análise da tradução do francês do século XVII ao português brasileiro contemporâneo de “Finette Cendron” de Madame D’Aulnoy. Considerando que estamos tratando da tradução de um texto de partida que se remonta há quatro séculos, na França, fica evidente que esse distanciamento temporário coloca à mostra as diferenças, não tão só da ambientação dos espaços, mas também dos hábitos, costumes e sistema de crenças que regiam a sociedade aristocrática da época. As características da linguagem e seus ordenamentos sintáticos que, para quem traduz, sempre envolvem decisões difíceis e que são determinantes para que uma tradução faça florescer no leitor o interesse por uma época tão distante. Desde a perspectiva do gênero literário, sua classificação pode criar, diante dos conceitos atuais, um verdadeiro estranhamento, considerando que na época de sua criação tratava-se de um conto de fadas oferecido exclusivamente ao público adulto.

Como mencionado anteriormente, aproximar-se do projeto de tradução delineado, neste caso, por Fabricio Leal Cogo, é de grande importância para a compreensão dos elementos escolhidos presentes no texto traduzido, suas intenções em relação aos sentidos que o tradutor deseja veicular, assim como, os aspectos estéticos que deseja colocar em evidência. Para tal, consideramos que a voz do tradutor é de enorme importância, uma vez que aquilo que se observa na tradução é uma resposta aos propósitos delineados por ele. Dessa forma, julgamos indispensável criar um espaço de diálogo com o tradutor com a finalidade de evitar o julgamento ou a má interpretação das decisões tradutórias, garantindo, a quem analisa, uma compreensão mais ampla do processo tradutório. Com a finalidade de garantir uma análise crítica embasada, apoiar-nos-emos em alguns nomes destacados dos estudos da tradução como Haroldo de Campos, Mauricio Mendonça Cardoso, Paulo Henriques Brito e Antoine Berman.

Certamente, não pretendemos sugerir e nem apontar para soluções que, hipoteticamente, poderiam ser mais adequadas para esta tradução, mas sim expressar de maneira honesta o difícil caminho que é traduzir uma obra de tanta relevância literária quanto são as obras de Madame D’Aulnoy. Compreendemos que o tradutor cumpre um papel impor-

tantíssimo ao se propor como intercessor entre duas culturas e coloca ao alcance do leitor da cultura de chegada a possibilidade de aproximar-se e participar de outros universos literários tão ricos quanto o universo literário da sua cultura.

Sobre a crítica de tradução

No livro *Metalinguagem & outras metas: canais de teoria e crítica literária*, publicado em 2006 pela editora perspectiva, Haroldo de Campos discute a nova estética de Max Bense, destacando a crítica e obra de invenção para explicar que a crítica de Ezra Pound poderia ser denominada pragmática, no sentido de que é uma crítica altamente pedagógica, de serventia imediata para o criador, uma crítica de poeta para poetas (CAMPOS, 1992, p.17). Assim para Campos, é preciso que a crítica:

[...] não apenas especule e analise - e longe de nós o intuito de minimizar a importância das pesquisas puramente teóricas metodológicas nesse setor - mas que, e principalmente, escolha, *funcione*. (CAMPOS, 2006, p. 18)

Definir uma crítica de tradução não resulta em uma tarefa simples uma vez que somos obrigados a refletir cuidadosamente sobre os passos dados pelo tradutor, isso requer que o parecer do olhar externo não seja atravessado pelo apreço precipitado das decisões tradutórias. Para Mauricio Mendonça Cardozo em “Tradução & os sentidos da crítica”, publicada em 2015, pela Editora UNESP, construir uma crítica de tradução é:

[...] pensar em suas possibilidades e seus limites, sua legitimidade e seus abusos, seus modos, seu campo de ação e suas zonas de sombra. É repensá-la; e, para tanto, cabe revisitá-la, ainda que de modo incidental, alguns dos diversos sentidos que a ideia de crítica pode assumir nos dias atuais (p.233).

Por isso, repensamos e revisamos várias vezes os textos de partida e de chegada, para entendermos alguns dos diversos sentidos que a ideia de nossa crítica poderia assumir atualmente, sem nos esquecermos de que pensar os sentidos da crítica é pensar seus significados. É preciso fazê-lo tendo em conta que não se trata de um termo inequívoco. Entendemos que a crítica, como efetivamente Cardozo afirma, envolve vários sentidos. Em alguns deles, parecem-nos mais evidentes em certos contextos, mas não se deixam circunscrever de modo tão nítido e nem explícito (p.234). O estudioso ao tratar de definir

quem realiza uma crítica de tradução e o que representa essa crítica, Cardozo, apoiando-se em Paulo Henriques Britto (2012, p.42) cita:

O teórico da tradução não é alguém que se debruça sobre um objeto ou processo que se encontra na natureza, e sim um investigador de uma práxis social específica voltada para um determinado fim: a produção de textos que possam substituir outros textos. Ora, o estudo de uma atividade voltada para um objetivo prático não pode deixar de investigar se e como os objetivos dessa atividade são atingidos. (CARDOZO, 2015, P. 248)

Por sua vez, Antoine Berman na obra “Pour une critique des traductions: John Donne” publicada pela editora Gallimard em 1994, comenta que a expressão “Crítica de tradução” arrisca introduzir um erro, no sentido que ela parece significar somente uma avaliação negativa de uma tradução, porém, não deve ser esquecido que, como os dois lados de uma moeda, também é necessário apontar o lado positivo que realce a importância da tradução.

Para Berman, a crítica é essencialmente positiva, seja a que se observa na área de produção de línguas, na crítica de arte em geral; seja em outras áreas do fazer criativo humano. Ele acrescenta que não só a crítica é positiva, mas, esta positividade é importante, entendendo que uma crítica puramente negativa não é uma crítica verdadeira. (1994, p.38).

A partir dessas posições teóricas, a metodologia aplicada para a análise crítica da tradução de “Finette Cendron” de Leal Cogo procurou observar as decisões tradutórias a partir do projeto tradutório traçado por ele, para isso, entrevistar o tradutor se tornava indispensável. Conforme o tradutor, entre os propósitos do projeto se encontram a preservação da ambientação da época, em termos de linguagem e sintaxe, pensando na França no século XVII. Um segundo aspecto, igualmente relevante, trata sobre o gênero literário contos de fada aos moldes da época de sua criação, cujas características não se assemelham às características do gênero na atualidade, isso tanto em termos de conteúdo quanto ao público que recebe essas narrativas. De igual forma, a linguagem também representa uma preocupação, já que se pensa na recepção, com os termos e expressões que possam comprometer, ao longo da leitura da narrativa, a sua compreensão e, da mesma maneira, a construção das representações mentais por parte do leitor.

Se de um lado, o projeto e a voz do tradutor se desenham como fundamentais para a análise crítica da tradução de Leal Cogo, da mesma forma, a leitura do texto de chegada e da tradução são tarefas fundamentais para o entendimento do processo tradutório que vão desde a especificidade de alguns aspectos como os linguísticos à uma perspectiva mais ampla na construção dos sentidos definidos por questões de ordem cultural.

Resumo do conto de fadas “Finette Cendron”, de Madame D’Aulnoy, traduzido por Fabrício Leal Cogo

O conto “Finette Cendron” descreve a história de um rei e de uma rainha que por terem perdido seus bens, resolveram abandonar suas três filhas. Porém, uma das meninas, Finette, que ouviu os pais planejando o abandono, resolveu fugir e pedir abrigo para a sua madrinha, com quem sempre se aconselhava. Um dia, apesar de muitas tentativas, ela não conseguiu fugir, por isso ela e suas irmãs tiveram que seguir caminho sozinhas. No percurso, chegaram até um castelo habitado por um casal de ogros, onde foram aprisionadas. Finette e suas irmãs, ao tentarem fugir do cativeiro, involuntariamente, mataram seus sequestradores, vendo-se finalmente livres. Sem um lugar para morar, resolvem ficar com o castelo. Infelizmente, a relação de Finette com suas irmãs não era nada cordial, pois era desprezada por elas. Nunca frequentava os bailes do reino, pois suas irmãs a impediam de ir. Certo dia, Finette encontrou uma chave que abria um misterioso baú, ao abri-lo, encontrou tudo que uma jovem almejava: lindos vestidos e joias que a enfeitavam. Graças a essa descoberta, conseguiu frequentar os vários bailes que se organizavam no reino, porém, havia um empecilho, não podia ser reconhecida nem pelas suas irmãs e nem por ninguém. Dessa forma, criou um nome como disfarce, Cendron. Certa vez, Cendron foi convidada a um baile no castelo. Ao toque da meia-noite, a bela jovem foge, deixando para trás uma bela sapatilha. O jovem príncipe, encantado com a beleza de Cendron e sem saber do seu paradeiro, adocece. Os pais do príncipe Chéri, tristes com o estado do filho, chamaram todas as jovens do reino que estavam presentes no baile para ir até o castelo e experimentarem a graciosa sapatilha. As irmãs de Cendron, interessadas no príncipe, foram apressadamente para a prova. Cendron, sem pensar muito, assim que suas irmãs saíram, cavalga rapidamente até o castelo. Na frente do príncipe, a bela jovem calça a sapatilha, e seu pé entra perfeitamente. Para felicidade do jovem príncipe, o encontro com a bela dama misteriosa se realiza, e finalmente, o príncipe Chéri e Finette se unem em casamento. A jovem de bons sentimentos, compadece-se das suas irmãs e as perdoa por todos os maus tratos que recebeu delas. A respeito da família, apesar do abandono, igualmente é perdoada, retornando ao castelo e recuperando todos os bens perdidos.

A tradução de Finette Cendron, de Madame D’Aulnoy por Fabricio Leal Cogo.

De acordo com a entrevista que realizamos com Leal Cogo, na “Antologia de Contos de fada franceses de autoria feminina do século XVII”, os tradutores do projeto

antológico tiveram a liberdade de tomar as próprias decisões e elaborar seu próprio projeto tradutório.

Quando consultado sobre os motivos da tradução de “Finette Cendron”, o tradutor afirma que a partir da pesquisa da obra e da autora, constatou que o conto ainda não tinha tradução para o português do Brasil, portanto, a tradução significaria uma apresentação para o público brasileiro tanto de Madame D’Aulnoy, a autora, quanto do gênero que ela criou na França. Dessa maneira, o projeto visou uma proposta tradutória mais apegada ao texto de partida, como uma maneira de preservar, de alguma forma, as representações culturais da época em que se criou a obra.

Ao iniciarmos a análise crítica da tradução de “Finette Cendron”, da autoria tradutória de Fabricio Leal Cogo e, logo após, a entrevista com o tradutor e a leitura dos textos de partida e sua respectiva tradução, interessou-nos conhecer e compreender o gênero contos de fada na época de D’Aulnoy. A relevância em observar as características do gênero literário radica na apresentação da narrativa aos leitores brasileiros, ou seja, como conto de fadas ou, simplesmente, como conto. Por outra parte, apresentar a narrativa como contos de fadas demanda, indiscutivelmente, um esclarecimento a respeito do gênero na França no século XVII, em outras palavras, significa apresentar uma outra modalidade desse gênero literário, de alguma maneira, destituindo o conceito atual dessas narrativas com viés moralista por uma narrativa nos moldes que foi criada.

Ao falarmos de contos de fadas, também pensamos no gênero literário infantil associado a narrativas fantasiosas onde ganham vida gigantes, fadas e personagens personificados (animais, objetos e plantas) e, geralmente, apresentam um mundo de encantamentos. Em Madame d’Aulnoy, os contos de fadas se opõem às características conhecidas pelo leitor contemporâneo e nos apresenta um gênero com propósitos diferentes.

De um lado, a escrita de Madame D’Aulnoy é para ser lida e ouvida nos salões literários da época, portanto, é um texto dirigido ao público exclusivamente adulto. De outro, em termos macroestruturais, dois aspectos podem ser identificados, primeiro, a linguagem percorre contextos formais e informais de acordo com as relações de poder que se estabelecem entre os personagens, perceptíveis principalmente nos usos de estruturas pronominais específicas, como ‘tu’ e ‘vous’, ‘você’ e ‘vós’, respectivamente. Em segundo, os discursos diretos, espaço onde os personagens ganham voz, estão acoplados ao corpus do texto, aspecto que demandou do tradutor uma decisão importante quanto à identificação e ao espaço que essas falas ocuparão no texto traduzido.

No contexto da tradução, outros aspectos ganham igual importância e que, de uma forma ou de outra, determinam o contexto espaço-temporal da obra, o jogo de sentidos e

as ações e representações dos personagens da narrativa. A nossa breve análise crítica recai sobre três aspectos: i) a manutenção dos nomes; ii) as expressões idiomáticas presentes no enredo, principalmente, contidas nas falas dos personagens, e; iii) o tom dramático do comportamento dos personagens da obra.

A manutenção dos nomes na tradução

Para Leal Cogo, na sua concepção de tradução, manter vínculos com o texto fonte é de grande relevância, para tal, a manutenção dos nomes originais do texto alcançaria dois objetivos: i) a identidade de origem, ou seja, o leitor teria certeza da origem francesa do conto e; ii) informações estéticas seriam mantidas, pois os nomes não fazem referências a nomes comuns, mas a nomes que destacam as características dos personagens, como por exemplo, a personagem Fine-Oreille que tem esse nome por ter ouvidos muito aguçados. Essas relações identitárias também recairão sobre o título do conto, que apresentam a aglomeração de Fine-Oreille por Finette e Cendron enquanto autodenominação da personagem principal na parte final do conto. Nos excertos seguintes (nº 1 e nº 2), é possível observar como a manutenção dos nomes próprios ganham presença e identificamos o ambiente francês da narração.

Excerto 1: “Finette Cendron”

Francês	Português
Página 3: Pendant qu'ils complotaient cette affaire, la princesse Finette, qui était la plus petite des filles, écoutait par le trou de la serrure, et, quand elle eut découvert le dessein de son papa e de sa maman, elle s'en alla tant qu'elle put à une grande grotte, fort éloignée de chez eux, où demeurait la fée Merluche , qui était sa marraine.	Página 110: Enquanto concluía o assunto, a princesa Finette – que era a menor das filhas – escutava pelo buraco de fechadura, e quando descobriu a intenção de seu pai e de sua mãe partiu o mais rápido que pôde em direção a uma grande caverna longe de casa, onde morava a fada Merluche , que era sua madrinha.

Excerto 2: “Finette Cendron”

Francês	Português
Página 5: Aussitôt elle se leva, prit ses gros souliers, une jupe courte, une camisole blanche et un bâton; elle fit venir l’aînée de ses filles, qui s’appelait Fleur d’Amour ; la seconde Belle-de-Nuit , et la troisième Fine-Oreille : c’est pourquoi on la nommait ordinairement Finette .	Página 112: Ela se levantou imediatamente, pegou seus sapatos grandes, uma anágua curta, uma combinação branca e uma bengala. Convocou a mais velha de suas filhas que se chamava Fleur d’Amour , a segunda que se chamava Belle-de-Nuit e a terceira que se chamava Fine-Oreille : por isso que a chamavam ordinariamente de Finette .

Sobre as expressões idiomáticas em *Finette Cendron*

As expressões idiomáticas, sem dúvida, sempre representam uma tarefa árdua, uma vez que nem sempre encontramos correspondentes na língua de chegada. Nesse aspecto, a criatividade do tradutor conta muito, pois as expressões dão sentido que dificilmente podem ser ditos por palavras ou termos correntes. Recuperar ou tentar manter esses sentidos é o que torna a expressão idiomática um belo desafio.

Quando falamos de contos, geralmente, iniciamos com uma das expressões mais características desse gênero literário, “Era uma vez...”, que nos remonta a relatos de um passado muito distante e ainda fantasioso. Leal Cogo nos surpreende com “Havia uma vez...”, de alguma maneira dando uma intenção de existência de algo, de alguma história no passado. É incomum, encontrarmos contos ou fábulas que iniciem dessa maneira, mas conforme o tradutor, na entrevista concedida, tratar-se-ia de uma inovação pois quebra uma certa tradição linguística que nos introduz à narrativa. De igual maneira, o ‘haver’ em sentido de tempo, transporta-nos a esse passado identicamente à expressão tradicional. Segundo Leal Cogo o estranhamento é proposital, conforme mostra o excerto de nº 3, e tem total consciência dele, assim como, da forma como desloca o leitor para fora de uma tradição narrativa.

Excerto 3: “Finette Cendron”

Francês	Português
Página 2: Il était une fois un roi et une reine qui avaient mal fait leurs affaires.	Página 110: Havia uma vez um rei e uma rainha que tinham cuidado mal de seus negócios.

Apesar da intenção tradutória em manter vínculo com o texto de partida e suas características, Leal Cogo é surpreendido por expressões que, se traduzidas literalmente, não somente causariam estranhamento ao leitor, mas comprometeriam a compreensão do conto, entendendo que haveria uma evidente fuga dos sentidos mobilizados por essas expressões. Por esse motivo, o tradutor trouxe alternativas idiomáticas mais modernizadas que, por um lado, conseguem manter um certo sentido da expressão do texto de partida, mas ao mesmo tempo, colocaria à disposição do leitor uma realidade idiomática mais próxima, permitindo-lhe transitar pelo texto traduzido sem comprometer o desenrolar da narrativa, como se demonstra nas expressões destacadas dos excertos de nº4 e nº5.

Excerto 4: “Finette Cendron”

Francês	Português
Página 10: - Taisez-vous, petite babouine, répliqua Fleur d’Amour, nous trouverons bien le chemin quand nous voudrons, vous faites ici ma commère l’empressé mal à propos.	Página 116: - Cala-te pequena Balbuína, respondeu Fleur d’Amour – Encontraremos o caminho assim que quisermos, estás fazendo uma tempestade em copo d’água.

Excerto 5: “Finette Cendron”

Francês	Português
Página 13: Elle pleura et se plaignit de la trahison qu’elles lui avaient faite, et elles d’en rire et de se moquer.	Página 118: Ela chorava e reclamava da traição que elas lhe haviam feito enquanto elas riam e tiravam sarro de sua cara

O sentido dramático na narrativa de Finette Cendron

Neste conto, percebem-se os comportamentos e as emoções dos personagens em tons dramáticos e em que Leal Cogo consegue expressar assertivamente, criando imagens claras de cenas em que os sentimentos do momento são importantes para o desenrolar dos eventos a seguir. É compreensível que o tradutor, com sua experiência com peças de teatro, não deixaria de lado aspectos tão relevantes para a construção da narrativa de Madame D’Aulnoy. Essa preservação teatral da narrativa se expressa na tradução em elementos que, de fato, buscam essa dramaticidade.

Excerto 6: “Finette Cendron”

Francês	Português
Página 28: À ces mots, elles se jetèrent à genoux devant elle , pleurant de joie.	Página 126: Com essas palavras, as princesas se atiravam de joelhos diante dela chorando de alegria

No excerto de nº 8, o termo “atirar-se” cumpre com essa missão no sentido de deixar cair o corpo ao chão sobre os joelhos, pela emoção que nesse instante acomete as princesas, sem se referir a qualquer ferimento como produto desse ato. Provavelmente, se a escolha fosse simplesmente pelo verbo “cair” ou “lançar-se”, optando pela literalidade do termo do francês “jeter”, o fato dramático se desvaneceria.

Considerações finais

Quando pensamos em contos de fadas, naturalmente, remetemo-nos a narrativas que ilustram mundos de fantasia, de encantamento e finais felizes. O conto “Finette Cendron”, de Madame D’Aulnoy, surpreende-nos em um sentido oposto quando percebemos, no seu enredo, um universo que retrata as relações de poder presentes nas esferas da realeza e da aristocracia da sociedade francesa do século XVII, cujos comportamentos morais se alinham a ações de muita indiferença à condição humana e optam por atos de muita crueldade.

A estética textual de D’Aulnoy se constrói mediante uma linguagem preciosista, de ricas descrições que permitem o despertar do imaginário dos leitores, cativando-os até o fim do texto. Longe de atender o público infantil, Madame D’Aulnoy desejava deleitar

o público que frequentava os salões literários da sua época e, ao mesmo tempo, trazer reflexões a respeito das condutas da sociedade do momento.

Sem dúvida, a tradução “Finette Cendron” impõe seus desafios, visto que se enfrenta ao distanciamento temporário, às características do gênero literário da época, aos aspectos da linguagem e da sintaxe, assim como, às características e papéis desempenhados pelos personagens da narrativa. Para compreender os percursos do processo tradutório, a voz do tradutor precisa, na nossa concepção, ser ouvida. A análise crítica da tradução só pode ser justa na medida em que se compreendem as dificuldades que o tradutor enfrenta, uma tarefa a sós e cheia de conflitos.

O projeto tradutório de Leal Cogo pretendeu encontrar pontos de aproximação com o universo narrativo de Madame D’Aulnoy, uma tarefa nada simples se observarmos que se trata de uma narrativa dirigida a um outro leitor, de um outro tempo. Em parte, esse universo é traduzido através das escolhas pronominais, os tempos verbais e na manutenção dos nomes dos personagens da narrativa.

Leal Cogo, preocupado com a recepção, suas decisões tradutórias se mantiveram flexíveis e abertas às várias estratégias de tradução, com o único objetivo de transportar o leitor de nosso tempo para um outro tempo, convidando-o, de igual maneira, a participar e a vivenciar a proposta estética de Madame D’Aulnoy, mesmo se abrindo para as literaturas e para o uso de expressões modernizadas.

Mesmo sem a intenção de cair em conceitos que romantizem a atividade do traduzir, é indiscutível e inestimável a sua contribuição ao mundo literário. Quantas obras desconheceríamos se não fosse pela tradução? O tradutor merece o reconhecimento de sua iniciativa e seu esforço em dar à luz obras preciosas que nos contam e nos fazem reviver tempos pretéritos, aprender com os erros e com os defeitos humanos e a compreendermos a humanidade na sua historicidade. Entender a tradução como o transferir de um lugar a outro é um desmerecimento de uma atividade que generosamente veio para reunir culturas, transcender o tempo e difundir conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions : John Donne**. Éditions Gallimard, Mesnil-sur-l’Estrée, 1994.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas: canais de teoria e crítica literária**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CARDOZO, MM. Tradução & os sentidos da crítica. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas** [online]. São

Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 233-262. ISBN 978-85-68334-61-4. Available from SciELO Books .

CNPQ. **Fabício Leal Cogo**. 2021. Disponível em: Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0097456535919205>. Acesso em: 16 out. 2021.

LIBRE, Wikisource La Bibliothèque. **Finette cendron**. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/Finette_cendron. Acesso em: 16 out. 2021.

TORRES, Marie Hélène Catherine *et al* (org.). **Antologia de contos de fadas franceses de autoria feminina do século XXI**. 2019. Tradução de Brenda Bressan Thomé, Paula do Nascimento Marques, Jaqueline Sindorski Bigaton, Janny Fioravante, Marília Mezzomo Rodrigues, Ana Carolina de Freitas, Fabrício Leal Cogo, Marie-Hélène Catherine Torres, André Luiz Leite de Menezes, Aída Carla da Cunha.. Disponível em: https://mnemosineantologiasdotcom.files.wordpress.com/2019/08/antologia_contos_xvii.pdf. Acesso em: 16 out. 2021.

